

**CEDI**

**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte: A Crítica Class.: Kulina 70

Data: 28/12/93 Pg.: \_\_\_\_\_

FUNAI NÃO COMENTA

**Centro da PM diz que não houve mortes entre kulinas**

O administrador da Funai do Amazonas, Raimundo Catarino Cerejo, disse ontem que só irá se posicionar com relação ao resultado das investigações do Centro de Policiamento do Interior da Polícia Militar, que aponta não ter ocorrido mortes no conflito entre índios kulinas e o comerciante Manuel Capivara Campelo, depois que recebeu o relatório do chefe do posto da Funai em Eirunepé, Alexandre Caldeira Cardoso.

A nova versão da PM para o caso desfaç os depoimentos do índio Dsodse Kulina, que afirmou ter testemunhado duas mortes. Para a PM, o caso está encerrado se a Funai não pedir novas diligências. Segundo a Polícia Militar, houve um conflito no último dia 11 na aldeia do Gaviãozinho, localizada no alto Rio Jurua, município de Eirunepé. O motivo foi desentendimentos provocados

por ciúmes entre duas índias. Os Kulina trocaram bebidas por peixes com o comerciante, mas este não participou do conflito.

Com base na versão de Dsodse Kulina, o chefe do posto da Funai, Alexandre Caldeira Cardoso fez um relatório apontando 11 mortos entre velhos, jovens e crianças. O relato assinado pelo indigenista dava detalhes como as idades das vítimas e os nomes dos assassinos. Um testemunho foi encaminhado pelo administrador Raimundo Catarino Cerejo à Funai, em Brasília, e para o Comando da Polícia Militar do Amazonas, no dia 20.

Essa é a segunda vez, depois do episódio do massacre dos ianomamis, que a Funai passa por uma situação semelhante no desencontro de informações. Para o delegado Wagner José Hernandês, houve precipitação do órgão em divulgar

os números antes de uma investigação policial. Hernandês esteve com Cardoso na aldeia do Gaviãozinho na sexta-feira. O delegado disse que não encontrou nenhum dos 30 índios kulina que viviam na aldeia para reafirmar a versão de Dsodse.

A assistente social, Angeia Kurovisk, missionária da Operação Anchieta, que traduziu o depoimento de Dsodse na delegacia, não quis comentar a nova versão da polícia. Ela afirmou que houve o conflito e que o motivo foi a bebedeira provocada pelo álcool, e que a polícia deve reprimir os comerciantes. O superintendente da Polícia Federal do Amazonas, Mauro Sposito, disse que aguarda ainda a posição da Funai sobre as investigações da PM. O CIMI Norte 1 não quis também se posicionar sobre o caso.